GUERRA NO LESTE EUROPEU / Chefe da diplomacia russa afirma, durante encontro com emissário chinês, que a Ucrânia e "seus patrocinadores ocidentais" criaram dificuldades nas negociações de uma solução pacífica para o conflito

Moscou aponta "sérios obstáculos" à paz

Apesar de reiterar o compromisso do Kremlin com uma saída político-diplomática para a guerra com a Ucrânia, o chanceler russo, Sergei Lavrov, apontou, ontem, dificuldades para se alcançar a paz ao receber o enviado chinês Li Hui, em Moscou. Para o chefe da diplomacia de Vladimir Putin, Kiev e "seus patrocinadores ocidentais" criaram "sérios obstáculos" para o fim do conflito. Li Hui, embaixador chinês na Rússia por uma década (entre 2009 a 2019), foi designado por Pequim para buscar possíveis soluções aos combates.

Enquanto Lavrov e Hui discutiam alternativas no gabinete, distante dali os ataques prosseguiam intensos. Moscou bombardeou uma clínica médica na cidade ucraniana de Dnipro com mísseis e acusou Kiev de ter realizado diversas investidas contra a província russa de Belgorod, na fronteira entre os dois países.

Segundo o governo de Volodymyr Zelensky, pelo menos duas pessoas morreram e cerca de 30 ficaram feridas na ofensiva em Dnipro, situada a 125km do front de batalha. Dias antes, Kiev indicou ter repelido um bombardeio de grande magnitude contra a cidade, no qual teriam sido lançados 16 mísseis e 20 drones.

O comandante da administração militar, Serhiy Lysak, informou que os russos lançaram mísseis contra uma área residencial da cidade, que era um centro industrial com cerca de um milhão de habitantes antes do início do conflito, em fevereiro do ano passado.

Bombardeios

Volodymyr Zelensky divulgou um vídeo que mostra edifícios destruídos pelo ataque. O presidente ucraniano enfatizou que, ao atacar instalações médicas civis, "os terroristas russos confirmam, mais uma vez, sua condição de combatentes contra tudo o que é humano e honesto". O Ministério da Defesa da Rússia confirmou ter realizado bombardeios noturnos na Ucrânia, mas disse ter mirado em "armazéns de munições".

Já em Belgorod, o governador Viacheslav Gladkov, afirmou que pelo menos cinco distritos foram bombardeados pelas forças ucranianas em 24 horas, provocando danos materiais, mas sem vítimas. De acordo com ele, os disparos atingiram a localidade de Kozinka, sobre a qual caíram 132 obuses. O distrito de Belgorodski, próximo da capital provincial Belgorod, sofreu 14 ataques, em particular de drones, incluindo um que atingiu o edifício administrativo, segundo Gladkov.

Em Krasnodar, cidade russa a 200 km da península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014, dois drones atingiram prédios, sem deixar vítimas, informou o governador Veniamin Kondratiev. Esses episódios acontecem poucos dias depois de uma incursão armada vinda da Ucrânia, reivindicada por dois grupos de russos exilados que lutam ao lado dos ucranianos contra as forças de Moscou.

AFP



Bombeiros diante da clínica atingida por mísseis russos na cidade ucraniana de Dnipro: pelo menos dois mortos e 30 feridos no ataque



AFP

Sergei Lavrov (de frente) conversa com Li Hui, em Moscou: elogios à postura de Pequim

"Equilíbrio"

Em seu encontro com o enviado chinês, o chanceler Lavrov destacou a postura "equilibrada" da China no conflito na Ucrânia. Pequim afirma que mantém uma posição de neutralidade, mas é criticado por potências ocidentais devido a sua recusa em condenar a ofensiva militar lançada pela Rússia.

Segundo a chancelaria russa, Lavrov e Li Hui "expressaram sua disposição de reforçar a cooperação entre Rússia e China em matéria de política externa, permanentemente orientada para a manutenção da paz e da estabilidade na região e no planeta como um todo".

Li Hui foi a Moscou depois de um giro por vários países e de uma reunião com Zelensky, em Kiev, no início do mês. Ao fim da missão, o enviado chinês declarou que "não há panaceia para resolver a crise" e exortou todas as partes ao "diálogo".

Desde o início do conflito, Rússia e China fortaleceram seus laços econômicos e diplomáticos, enquanto as potências ocidentais intensificaram as sanções contra Moscou. Durante sua visita a Moscou em março, o presidente chinês, Xi Jinping, disse que as relações bilaterais estavam entrando em uma "nova era".

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Muito além dos votos no Congresso

Tem alcance mais longo que os de ordem da política doméstica o embaraço experimentado pelo governo Lula com as votações em que a Câmara dos Deputados, na prática, amputou a agenda ambiental desenhada no Planalto para os próximos anos. Basta lembrar a importância com que parceiros de grande porte receberam, antes mesmo da posse, a presença do então presidente eleito na conferência ambiental de dezembro, no Egito.

Muito especialmente, orelhas se puseram eriçadas e atentas para a situação da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Sua reconciliação com Lula, após a vitória eleitoral de 2022, foi recebida entre os parceiros externos, em particular na Europa, como sinal seguro de uma reorientação radical e relação à agenda adotada pelo antecessor, Jair Bolsonaro, que fez coro ao colega norte-americano, Donald Trump, na contestação aos termos e compromissos fixados no Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas.

Corda bamba

Em particular, entrou novamente em pauta, do outro lado do Atlântico, a ratificação do acordo comercial firmado em 2019 entre a União Europeia e o Mercosul, ao fim de mais de duas décadas de negociações. O texto vinha sob cautelosa apreciação no Velho Mundo durante o governo Bolsonaro, por conta do declarado descompromisso com a política ambiental. A eleição de Lula, em outubro passado, deu impulso ao exame do texto pelos parlamentos nacionais dos 26 países-membros da UE.

Interesses comerciais à parte, o esquartejamento do Ministério do Meio Ambiente não apenas enfraquece a posição da titular, Marina Silva — cuja reaproximação com Lula foi um dos gestos de impacto no relançamento do Brasil no cenário do debate internacional sobre as mudanças climáticas. O receio de um novo rompimento, a exemplo do ocorrido no início do primeiro mandato de Lula, colocou na corda bamba o prosseguimento e a conclusão dos trâmites para a efetivação do acordo que, uma vez efetivado, dará vida à mais importante área de livre comércio no mundo.

Todo dia era dia

Causou preocupação e motiva cuidados, em movimento paralelo, o esvaziamento do recém-criado Ministério dos Povos Indígenas, entregue à parlamentar e ativista Sonia Guajajara. Da perspectiva europeia, o tema tem importância significativa na opinião pública e alimenta debates em fatias da sociedade importantes para a sustentação política de atores como o Partido Verde alemão, parceiro essencial para a maioria que sustenta o chanceler (chefe de governo) Olaf Scholz.

Em contraste com a imagem da posse, em janeiro, quando Lula subiu a rampa ao lado, entre outros, do cacique Raoni, a votação em regime de urgência da medida que determina o marco temporal para a demarcação de terras indígenas pode ter impacto nas negociações comerciais com a Europa, onde a atenção para temas como esse caminha de braços dados com os interesses puramente comerciais quando se trata de debater um acordo com o alcance do negociado com o Mercosul.

Olhos nos olhos

Lula poderá ter uma impressão mais direta e pessoal dos desdobramentos externos desse impasse domésticos , se não antes, em agosto, quando será o anfitrião da cúpula amazônica em Belém, Entre os governantes que receberá na capital paraense estará o presidente da França, Emmanuel Macron, que deve vir não na condição de mero convidado, já que a Guiana Francesa ocupa parte do território da floresta.

Por razões outras, ligadas aos interesses do próprio setor agrícola, a França tem sido um dos bolsões de resistência, na UE, à ratificação do acordo comercial com o Mercosul. Na mesa de negociações, as reservas costumam se apresentar sob a vestimenta de preocupações de ordem ambiental. Uma recomposição do governo Lula na área, com a temida remoção de Marina, teria ao menos o impacto imediato de colocar entre parênteses os movimentos ensaiados em Paris na direção de destravar o processo com o bloco sul-americano.

Olho no Oriente

O arrastado trâmite comercial transatlântico coincide com o momento intrincado vivido pela UE com a China. Até pelas implicações da política de sanções comerciais à Rússia, a Europa vive, contraditoriamente, sob a pressão de ajustar as relações de trocas com a China, embora vista como aliada do Kremlin.

Ao mesmo tempo em que toma iniciativas para "desmamar" da dependência estrutural estabelecida com o gás natural fornecida pela Rússia, a economia europeia investe na expansão dos laços com a superpotência emergente asiática. Inclusive como decorrência do interesse comum nos mercados internacionais de minérios considerados estratégicos para setores críticos da indústria relacionada à transição para a economia pós-carbono, como a dos carros elétricos.